

O Globo, 24 de Julho de 2023

O risco da escolha de Pochmann para o IBGE

O instituto passou por uma gestão desastrosa no governo Bolsonaro, e não pode correr o risco de uma escolha político-ideológica

Por: Miriam Leitão

A escolha de quem vai presidir o IBGE tem que ser técnica, não pode ser político-ideológica. O economista Márcio Pochmann, que está sendo indicado por integrantes do PT, fez uma gestão ideológica no Ipea e o fará no IBGE, caso seja confirmado.

É um enorme risco. Quando foi presidente do Ipea, para se ter uma ideia, Pochmann demitiu dois grandes economistas, Regis Bonelli e Armando Castelar, por achar que eles não se enquadravam na sua forma de pensar.

Além disso, comandou uma tentativa de dirigir o pensamento dos pesquisadores, através de escolhas de leituras e critérios de aprovação nos concursos. Qualquer interferência política no IBGE afeta diretamente sua credibilidade e isso tem consequências econômicas.

Um exemplo dos seus erros de avaliação e análise é quando Pochmann criticou, em 2020, a criação do Pix, que tem facilitado, como se sabe, a vida de todo mundo, principalmente do trabalhador autônomo.

Para ele, o Pix era “o curso de um processo neocolonial” que iria “aprofundar a lógica da financeirização rentista que não se preocupa com a produção mas com

a circulação do dinheiro”. Esse delírio sobre forma de pagamento na economia não tem nada a ver com o IBGE, mas é um exemplo da sua incapacidade de se atualizar sobre qualquer assunto.

Na conjuntura econômica, o IBGE é o órgão vital na produção das estatísticas de PIB, inflação, produção industrial, etc. Isso sem falar claro da sua importância nos dados demográficos. O fato é que esses indicadores de conjuntura são sensíveis. O risco é sempre a interferência na metodologia quando os dados não forem favoráveis ao governo.

Uma das raízes da crise argentina foi a intervenção no Indec, o IBGE deles. Em 2012, diante da queda de popularidade pelos problemas econômicos do país, entre eles a inflação alta, o governo de Cristina Kirchner fez uma intervenção no instituto de estatística para derrubar a inflação na marra. Fracassou e esse foi o ponto inicial de outras derrotas.

A inflação argentina oficial em 2012 foi 10,8%, a real era calculada em torno de 25%. A falta de credibilidade dos indicadores acabou produzindo uma crise de confiança que levou a inflação para cima. Hoje está em mais de 100%. O caso argentino nos ajuda a ver o risco de não ter uma gestão técnica e independente no órgão oficial de estatísticas.

O IBGE passou por uma desastrosa gestão no começo do governo Bolsonaro, exatamente por nomear a pessoa que estava mais interessada em agradar ao ministro da economia da época, Paulo Guedes, do que em cumprir a missão do órgão e preparar o Censo.

O país não pode correr riscos no IBGE.

Link para a matéria original:

<https://oglobo.globo.com/blogs/miriam-leitao/post/2023/07/o-risco-da-escolha-d-e-pochmann-para-o-ibge.ghtml>